Thibaud, P., "*A noção de interpretante de Peirce*" In: ***Dialectiva***, 37, fasc 1, 1983, pp. 4-31.

Trechos para Discussão

p.4 A significação se realiza através da dialética do sentido e da referência.
p.5 Signo é algo semelhante a *representamen*. Aparentemente o signo é mais concreto ("token") e o representamen, mais abstrato ("tipo"); ambos traduzem a dicotomia presença/ausência. Em Peirce, há oscilação entre a perspectiva do signo centrada no objeto [signo como algo que se aplica ao objeto] e centrada no interpretante [o objeto dissolve-se, vira hipótese abstrata, só valem os signos].

p. 6 O interpretante. A evolução da noção de interpretante de 1895 a 1897. Definição: *"Interpretante é quando o signo cria no espírito da pessoa um signo equivalente"*. O signo representa algo desse objeto inicial, esse aspecto representado é o *ground*.

p.7 *Ground* é a forma como o objeto é visto, o perfil segundo o qual ele é atraído na representação. O ground dilacera o objeto; é o ângulo pelo qual se apreende o objeto. [Ver def. em Nota 10]

p.8 *Objeto dinâmico* e *objeto imediato*:
Objeto dinâmico é o objeto tal qual ele é: real, imaginável ou não, que vem determinar o signo à sua representação.
Objeto imediato é o objeto tal qual o signo o representa.

Não obstante, o objeto dinâmico também está no universo dos signos: Se signo é um tipo de emanação do objeto, também o objeto é uma emanação do signo. [Ver def. em pg. 8, final "Se o objeto dinâmico..."]. O objeto dinâmico só difere do signo por transcendê-lo.

p.9 A representação é muito limitada: o signo não pode fazer conhecer nem reconhecer o objeto: apenas o representa, diz algo sobre ele. O signo assim *indica* o objeto dinâmico. O intérprete o descobre por "experiência colateral".
Ex.: A frase "O sol é azul". O objeto dinâmico [a variedade de acepções do sol] é representado por uma descrição exaustiva do Sol. Essa descrição torna possível o aparecimento do objeto imediato através do *ground* instituinte do signo.

O objeto dinâmico é internalizado em graus, os três tipos de signos: ícone, índice e símbolo, que correspondem a relações de similitude, modificação efetiva e associação regulada.

p.10 O objeto dinâmico é apenas uma possibilidade concreta, que só adquire realidade pelo processo de interpretação por meio de interpretantes, que vão explicar, com novos signos, aquilo que o representamen escolhe do objeto dinâmico em função do ground.

Nota 19: Se o signo deve engendrar um interpretante, este último pode ser apenas potencial: "um ser *in futuro* bastaria".

p.12 A construção de interpretantes
O interpretante de um signo é o conjunto de todos os fatos conhecidos relativos a seu objeto. Que significa aqui "conhecer"? A experiência induzida pelo signo é tanto centrada no *ground* (na parte) quando no objeto dinâmico (no todo), mas é pelo *ground* que se fixa o quadro de referência da interpretabilidade. Ou seja, para se compreender o signo deve-se considerar a) as convenções do sistema de símbolos e b) a experiência colateral. Ex. dos médicos e do paciente, p. 12.
p.13 Sentido de um signo: a significação não é questão da relação do signo com um objeto mas da relação do signo com um interpretante. O sentido se constrói pela seqüência de interpretantes: "Por sentido (meaning) de um termo nós entendemos o interpretante geral inteiro. A regra desta seqüência é a simples regra da tradução de um signo em outro. (Segue exemplo do lítio, p. 14/15)

p.15 Símbolo à coisa viva
O conjunto dos interpretantes de um termo constitui-se pelo conjunto de marcas semânticas, marcas para cuja interpretação é preciso ultrapassar um positivismo estreito para aí incluir *formas de vida*. [Citação p. 15]

Remissão ao infinito:
Um signo é tudo aquilo que conduz qualquer coisa outra (seu interpretante) a remeter a um

objeto, ao qual ele mesmo remete (seu objeto) da mesma maneira, tornando-se o interpretante, por sua vez, um signo e assim sucessivamente *ad infinitum*.

p.16 No limite: um objeto absoluto.
O objeto da representação não sendo outra coisa senão uma representação cuja primeira representação é o interpretante - assim, uma seqüência sem fim de representações, cada uma representando a que a precede - pode ser concebida como tendo um objeto absoluto como limite, o sentido de uma representação não pode ser outra coisa que sua representação: regressão ao infinito. O interpretante é uma representação que recebe a chama da verdade; como representação, ele tem mais uma vez seu interpretante.
Sem tal regressão ao infinito não há signo verdadeiro. A regressão se abre antes do 1º representamen, interpretante do signo precedente, o que leva à impossibilidade de um conhecimento verdadeiramente primeiro.
Pivô de todo processo semiótico, o interpretante fornece-lhe sua lei de funcionamento.

p.17 Não há signo sem interpretante: Meu interpretante é qualquer coisa que se vincula essencialmente a tudo que opera como signo. Um signo é somente um signo *em ato* por receber uma interpretação, isto é, pelo fato que ele determina um outro signo do mesmo objeto.

p.21 Interpretante e realidade ou como encontrar objetos reais e dar nascimento à experiência concreta?
p.22 O interpretante lógico final: ele é a associação entre o mundo dos sentidos e o objeto dinâmico.
Há três interpretantes:
a) Dinâmico: é um acontecimento real único, a coisa acontecendo agora. É aquilo de onde extraio a experiência em cada ato de interpretação. (São atualizações da interpretação imediata). Caso do doente, constatação enquanto signo: "Seu estado físico está piorando"
b) Imediato: é uma abstração consistindo numa possibilidade. Está no fato de que todo signo tem de ter sua própria interpretabilidade antes de ter um intérprete. Está associado a um *ground* que define o tipo de interpretabilidade. Caso do doente: "A febre aumenta".
c) Final: é para lá que tende o interpretante real. É a interpretação: para onde convergem os diversos interpretantes dinâmicos.

O caráter teleológico do processo semiótico: Cada signo assume seu sentido não somente em relação ao *ground* mas também em relação a um fim interpretativo. Há uma idéia de "progresso" da gênese interpretativa: interpretantes dinâmicos são "melhores" que outros, pois se aproximam do interpretante final.

p.23 Interpretante final como "hábito" e a "parada" da semiose. [Citação p. 22]: Um conceito é (a construção de) um hábito ("Hábitos imutáveis tornam-se leis físicas", Nota 62].
Pode-se ver isso em dois sentidos: comportamental [A coisa se comporta assim, logo será, desta maneira] e cosmológico. Neste segundo sentido, toda reação a um signo produz uma mudança de atitude: depois de ter recebido uma série de signos e de os ter interpretado igualmente, nossa forma de ser e de agir no mundo se transforma de maneira passageira ou definitiva, surgindo o interpretante final. Nesse nível, pode-se dizer que a semiose infinita dos interpretantes pára. Esta parada, certamente, não é um final no sentido cronológico, pois nossa vida não tem fim e é cheia de mudanças de hábitos, mas se pode dizer que se produziram modificações na experiência e que a ligação entre semiose e realidade física aparece sob a forma de uma ação concreta.

[Do pragmatismo ao positivismo?]
No plano cosmológico, até a natureza tem "hábitos": são as leis e as regularidades. Assim, o sentido último ou o interpretante final de um signo pode ser concebido como uma lei física testada por uma regra operatória.

p.24 O interpretante final (hábito) vem ligar entre si os diferentes interpretantes de um signo a fim de constituir um sistema onde só haveria uma simples coleção de fatores. O interpretante final unifica signo, objetos e interpretantes para possibilitar a emergência de um sentido. O sentido depende da relação triádica mas não se reduz a eles; logo, não é empiricamente observável. [à *"idealismo objetivo"*, cf. Nota 62].
p.25 Um interpretante "não-signo" ?

Peirce: O interpretante final não é um signo como os outros (os outros são interpretáveis pelo interpretante final para assim serem unificados). Ele é final na medida em que permite uma ação concreta em relação ao objeto representado.
Contudo, o fato de não ter necessidade de interpretantes para funcionar não o impede de poder engendrar interpretantes, isto é, de ser um signo viabilizando uma nova abertura de análise semiótica.

Um idealismo condicional. Considera-se que a semiose pára a todo momento mas reinicia sempre - qual fênix - dando origem a novos processos interpretativos. Com isso Peirce recusa a "coisa em si" kantiana*.
p.26 A construção de sistemas semióticos não deve ter um fim. Todo o sistema é uma configuração provisoriamente estabilizada num fluxo infinito. Peirce intui, através da noção de interpretante, a diacrônica desestruturação e reestruturação de sistemas semióticos. É o que ele chama de *sinequismo finalista* : a continuidade como algo de primeira importância para a filosofia. A coalescência**, o devir contínuo, o devir governado por leis só são fases de um só e mesmo processo de crescimento da razão.

O falhibilismo: Um enunciado abstrato será inexato e parcial...
p.26 Nenhum conhecimento é absolutamente preciso, nem sequer em matemática.
A interpretação: em qualquer ponto do processo cognitivo aparece um signo que remete a uma interpretação ulterior (é o papel do interpretante) e que é precedido por um ponto, resultante de todas as interpretações passadas.

Objeto imediato e objeto dinâmico: irremediavelmente dissociados. O processo semiótico está associado a todos os *grounds* possíveis de um signo. O objeto imediato irá se enriquecer na medida em que se realiza a gênese interpretativa. "Objeto imediato completo" é o sentido do signo. A diferença, então, entre OIC e interpretante é a diferença entre uma interpretação que seria a "última" e uma interpretação sempre provisória. Aqui, o sentido do signo é tal que o futuro sempre determina num certo sentido o passado. Toda explicação é virtual.

p.28 Sentido é o totalmente virtual. Nenhum pensamento atual tem sentido, valor intelectual, pois o sentido não está no que é pensado atualmente mas naquilo a que este pensamento pode ser ligado, no que ele é representado por pensamentos que o seguem.

*Aquilo que subsiste em si mesmo sem pressupor outra coisa. Kant refuta os fenômenos como "coisa em si".
** Contração de dois elementos num só.